



DESCOLONIZANDO A MENTE: A POLÍTICA LINGUÍSTICA NA LITERATURA AFRICANA DE NGUYU WA TIONG'O

DECOLONIZING THE MIND: LANGUAGE POLICY IN THE AFRICAN LITERATURE OF NGŪGĪ WA THIONG'O.



Rosa Elizabeth Acevedo Marin  

Universidade Federal do Pará, (NAEA), Brasil

Resumo: O livro *Descolonizando a mente*, de Ngũgĩ wa Thiong'o, apresenta uma reflexão crítica sobre as relações entre linguagem, literatura, colonialismo e resistência cultural nas sociedades africanas. A obra compreende a língua como elemento central da identidade cultural e da memória coletiva dos povos, mas também como instrumento de dominação imperialista. Thiong'o denuncia o imperialismo cultural como uma "bomba cultural" responsável pelo apagamento das línguas africanas, das tradições orais e das referências históricas e culturais dos povos colonizados. Em contraposição, defende a valorização das línguas africanas, da oralidade e das práticas culturais locais como fundamentos de uma práxis descolonizadora e libertadora. Nos quatro ensaios do livro, o autor discute a linguagem da literatura, do teatro e da ficção africana, articulando essas reflexões à necessidade de construção de uma "perspectiva libertadora", capaz de romper com o eurocentrismo presente na educação e na produção intelectual africana. A obra revisita os debates ocorridos na Universidade de Nairobi acerca do ensino da literatura africana, defendendo a centralidade da literatura africana e da literatura oral. A experiência de prisão vivida por Thiong'o em 1977 marcou sua ruptura com o uso das línguas coloniais, levando-o a escrever em gikuyu e kiswahili como estratégia de resistência cultural e afirmação identitária.

Palavras-chave: Colonialismo; Linguagem; Literatura africana; Descolonização

Abstract: *The book *Decolonising the Mind* by Ngũgĩ wa Thiong'o presents a critical reflection on the relationships between language, literature, colonialism, and cultural resistance in African societies. The work understands language as a central element of cultural identity and collective memory, but also as an instrument of imperial domination. Thiong'o denounces cultural imperialism as a "cultural bomb" responsible for the erasure of African languages, oral traditions, and the historical and cultural references of colonized peoples. In contrast, he advocates the valorization of African languages, orality, and local cultural practices as foundations for a decolonizing and liberating praxis. Across the four essays that compose the book, the author discusses the language of African literature, theatre, and fiction, linking these reflections to the need for constructing a "liberating perspective" capable of breaking with the Eurocentrism present in education and African intellectual production. The work also revisits the debates held at the University of Nairobi concerning the teaching of African literature, defending the centrality of African literature and oral traditions. Thiong'o's imprisonment in 1977 marked his rupture with colonial languages, leading him to write in Gikuyu and Kiswahili as a strategy of cultural resistance and identity affirmation.*

Keywords: Colonialism; Language; African Literature; Decolonization



INTRODUÇÃO

Nguyu Wa Tiong'o escreveu, de forma radical, desde a dedicatória¹ do livro “Descolonizando a mente: a política linguística na literatura africana”, [1986, 2025²] sobre a relevância da linguagem para o pensamento e as práticas de descolonização nas sociedades colonizadas ou neocolonizadas. De imediato, antecipa-se o argumento de Tiong'o sobre “A busca por relevância”³ que para o escritor, dramaturgo, tradutor e acadêmico significa “a busca por uma perspectiva libertadora, dentro da qual nos enxergamos claramente em relação a nós mesmos e em relação aos outros no universo” e mais adiante, frisou: “uma perspectiva correta só pode ser compreendida e significativamente resolvida dentro do contexto da luta geral contra o imperialismo”. (Thiong'o, 2025, p. 137, 138).

Nesse livro, Thiong'o define as batalhas e as lutas que necessariamente devem ser travadas desde a literatura e da acadêmica e o imperativo de posicionar o fazer literário contra o epistemicídio e os apagamentos⁴ que as estruturas dos sistemas coloniais e o imperialismo cultural provocam nas línguas, na educação e na literatura africana. A contrapelo da ação colonial e neocolonial do imperialismo, Tiong'o defende uma política de intervenção cultural nas Áfricas, valorizando as línguas do continente, os fazeres culturais, a oralidade que se alinha com uma práxis libertadora e descolonizadora das mentes, conectando seu pensamento com as ideias de Franz Fanon⁵ e Vladimir Lenin. Se o imperialismo é uma “bomba cultural”, cuja “maior arma é empunhada e lançada diariamente” (Thiong'o, 2025, p. 21) e tem o efeito de “aniquilação da crença de um povo nos seus nomes, suas línguas, seu ambiente, sua herança de luta, sua união, suas capacidades e, finalmente, em si mesmos” (idem) está nas táticas ofensivas e defensivas no “nosso renascimento cultural o ensino e o estudo das línguas africanas” (p. 120) para dessa forma forjar a identidade cultural desses povos, pois a “A língua enquanto cultura é

¹ “Este livro é dedicado com gratidão a quem escreve em línguas africanas e a quem, ao longo dos anos, manteve a dignidade da literatura, da cultura, da filosofia e de outros tesouros que as línguas africanas carregam”. (Thiong'o, 2025, Dedicatória, p. 5)

² O livro *Descolonizando a mente: A política linguística na literatura africana*, de autoria de Nguyu Wa Tiong'o [[Kamiriithu, 1938, + Irvine, California, 2025] foi publicado no Brasil, no ano do seu falecimento somando-se a dois anteriores: “Sonhos em Tempos de Guerra” e “Um grão de trigo”, escrito em 1967.

³ Título do último ensaio que compõe o livro. (p. 136-157).

⁴ Conforme anotações da conferência ditada pela profa. Lourdes Martinez Echazabal.

⁵ Thiong'o refere o livro de Franz Fanon *Os Condenados da Terra - Capítulo Desventuras da Consciência Nacional*. Todavia a ideia já havia sido formulada por Fanon em *Pele Negra Máscaras Brancas* (1952,2008) onde argumenta que “Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escarpará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será (Fanon, 2008, p. 34).

o banco da memória coletiva da experiência de um povo na história” (idem, p. 33), pois, na língua é produzida a identidade cultural.

As reflexões sobre as relações intrincadas entre linguagem e colonização e linguagem e descolonização estão referidas à luta contra o “monolinguismo branco” imposto pelas línguas nacionais europeias (Nascimento, 2025, p. 9), assim a “defesa do multilinguismo não é a Torre de Babel, mas uma tecnologia singular de se fazer entender, de ir à luta, de vencer”.

Conforme entende Thiong’o os espaços sociais e as tarefas para resistir e recuperar o controle sobre a própria história e futuro permitem que as línguas não morram. No ato de escrever em língua africana evita-se perpetuar em nível cultural o espírito neocolonial e fazer uma literatura africana escrita em língua africana.

A experiência da prisão de Thiong’o, em 1977, significou a ruptura com a língua do colonizador (literatura africana eurofana, escrita por africanos em inglês, francês, espanhol) e a decisão de escrever seus livros em gikuyu e kiswahili e de traduzi-los para língua europeia, o que seria o meio de acesso aberto para as massas de Quênia que não entendem as línguas estrangeiras. Essa literatura de resistência é demarcada com o livro “Pétalas de sangue” e também a escrita de peças teatrais na língua materna. Além de refletir que sua literatura se torna engajada como um projeto socioeducativo, ainda mais porque essas línguas não podiam ser tratadas como “meros dialetos” pois significa “assinar sua condenação” a morte (N’Gana, 2018, p. 97). A ação anticolonial estaria em colocar em prática estratégias para mostrar que o idioma africano pode ser uma linguagem literária.

Nos quatro ensaios que compõem o livro: I. A linguagem da literatura africana; II. A linguagem do teatro africano; III. A linguagem de ficção africana e, IV. A busca por relevância⁶ são elaborados argumentos plenos sobre uma “perspectiva libertadora, dentro da qual nos enxergamos claramente em relação a nós mesmos e em relação aos outros no universo” (p. 137) e que chamou de busca por relevância e passou analisar não apenas na escrita literária, mas no ensino dessa literatura nas escolas e universidades com abordagens críticas. Para exemplificar atitudes ou abordagens críticas descreve “o grande debate da literatura de Nairobi” no ensino de literatura em universidades e escolas.

Esse debate começou em 1968 quando foi apresentada a proposta do Departamento de Língua Inglesa na Universidade de Nairobi, contestada firmemente por três professores e pesquisadores africanos (entre eles Thiong’o) pois nela havia a suposição subjacente de que a

⁶ Relevância foi o título que a profa. Lourdes Martines - Echazabal escolheu para sua conferência no evento África: Vozes e Pensamentos, organizado pelo Instituto Kadila de Estudos Africanos e Diásporas. Universidade Federal de Santa Catarina, no dia 16 de outubro de 2025. https://www.youtube.com/watch?v=H-3Vj_Ht2Hk&t=428s

tradição inglesa e o aparecimento do Ocidente moderno eram as raízes centrais da consciência e herança cultural do Quênia e da África, portanto defendendo que a África era uma extensão do Ocidente. A pergunta foi: “Por que a literatura africana não pode estar ao centro, para que possamos ver as outras culturas em relação a ela?” (p. 139) A opção imposta é romper com a continuidade de ver o mundo eurocêntrico, o qual teve continuidade após a independência.

Thiong’o narra outro evento de debate da literatura de Nairobi: em 1974 a conferência sobre o tema “o ensino da literatura africana nas escolas quenianas” realizada na Nairobi School, organizada pela Universidade de Nairobi e que foi “motivada pela mesma busca de relevância” e teve como argumento central “A literatura africana, a literatura da diáspora africana e todas as outras literaturas de vivências precisam estar no centro dos currículos” (p. 146). Além de propor neles a centralidade da literatura oral. O debate trouxe argumentos à pergunta: “por que estudar literatura afro-americana e caribenha? Quais as conexões entre o africano, o caribenho e o afro-americano? E os argumentos são contundentes: temos as mesmas raízes biogeográficas, pois as pessoas do Caribe e da Afro-América são africanos que foram brutalmente removidas do continente africano; compartilhamos o mesmo passado de humilhação e exploração sob a escravidão e o colonialismo; temos as mesmas aspirações pela liberação total de toda a população negra no mundo. Essa literatura afro-americana é também africana e incorpora a luta por uma identidade cultural. (p. 146-147).

O autor realiza uma espécie de balanço do debate literário de Nairobi e afirma que esse debate continua em todos os pontos cardeais da África e também está presente no Caribe, pois compartilham o sentido de uma “luta por uma nova ordem econômica, política e cultural, livre do imperialismo na sua forma colonial o na sua forma mais sutil - mas mais perversa – forma neocolonial.

O livro *Descolonizando as mentes* escolheu lutar, como encontra-se em um dos divisores de página: A luta faz a história, A luta nos faz, Na luta, está a nossa história. A nossa língua é o nosso ser. Ainda Thiong’o (p. 153) fez a escolha de um verso de Brecht:

Sua ciência não terá valor, verão

E o aprendizado será estéril, ainda que convidativo

A menos que prometam o intelecto para a luta

Contra todos os inimigos da humanidade.

De que maneira, a lucidez de Thiong’o golpeia nossas motivações em tempo distópico?

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981

KLEIN, Daniel da Silva. Ngugi Wa Thiong'o. Os percursos de um escritor queniano na historiografia literária. *História*. São Paulo. V. 41.e 2022030, 2022.

NASCIMENTO, Gabriel. Prefácio à edição brasileira. *Descolonizando a mente. A política linguística na Literatura Africana*. Porto Alegre-São Paulo, Dublinense, 2025.

N'GANA, Yéo. Uma tradução de *Décoloniser l'esprit* de Ngugi Wa Thiong'o. *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 93-102, 2018.

TIONG'O, Ngugi Wa. *Descolonizando a mente. A política linguística na Literatura Africana*. Porto Alegre-São Paulo, Dublinense, 2025.